A CRÍTICA E O DIAGNÓSTICO ÉTICO NA TEORIA SOCIAL

Para uma reintrodução do conceito de alienação

Lara Bortolusci*

RESUMO

Hartmut Rosa defende que o quase abandono do conceito de alienação nas últimas décadas deve-se à ausência de critérios normativos que permitam determinar seu oposto — a ressonância —, ausência que decorre dos desafios normativos implicados nessa definição. Neste artigo, analisamos como a discussão da ética sobre a concepção do self moderno em Charles Taylor influencia a reconstrução do conceito de alienação de Hartmut Rosa. Argumentamos que a filosofia hermenêutica de Taylor desempenha um papel fundamental para Rosa, ao oferecer um repertório conceitual que o permite diagnosticar as condições do bem viver na modernidade. Ao fazermos isso, investigamos como a teoria crítica contemporânea enfrenta o desafio de reformular conceitos clássicos, como a alienação, em diálogo com abordagens filosóficas voltadas ao estudo das dimensões éticas da modernidade.

PALAVRAS-CHAVE

alienação; teoria social; ressonância

* Doutoranda em Ciências Sociais pelo PPGO / CSO da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Contato: larabortolusci@gmail.com ; Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7466-2205

CRITICISM AND ETHICAL DIAGNOSIS IN SOCIAL THEORY

Towards a reintroduction of the concept of alienation

ABSTRACT

Hartmut Rosa argues that the near abandonment of the concept of alienation in recent decades is due to the absence of normative criteria to determine its opposite - resonance - an absence that stems from the normative challenges involved in this definition. In this article, we analyze how Charles Taylor's discussion of the ethics of the conception of the modern self influences Hartmut Rosa's reconstruction of the concept of alienation. We argue that Taylor's hermeneutic philosophy plays a fundamental role for Rosa by offering a conceptual repertoire that allows him to diagnose the conditions of the good life in modernity. In doing so, we investigate how contemporary critical theory faces the challenge of reformulating classic concepts, such as alienation, in dialogue with philosophical approaches aimed at studying the ethical dimensions of modernity.

KEYWORDS

alienation; social theory; resonance

Introdução

O problema da autonomização do social em relação aos seres humanos é central para a compreensão das relações sociais na modernidade. Esse tema foi frequentemente abordado por meio

do conceito de alienação (Vandenberghe 2012), que buscava responder a questionamentos sobre a origem e a disseminação das desigualdades na modernidade. Esse conceito, porém, parece ter sido abandonado no decorrer das últimas décadas. O sociólogo alemão Hartmut Rosa propõe uma retomada desse conceito a partir de uma abordagem normativa sobre a "antropologia do ser humano", e busca enfrentar, assim, os desafios de delimitação do próprio conceito de alienação.

Dando continuidade ao projeto de Axel Honneth (2007), Rosa (2022) busca estabelecer, em diálogo com sua teoria da aceleração, um critério normativo para avaliar as relações sociais: a ressonância. Esse critério surge com o propósito de resgatar a alienação como um conceito fundamental para o diagnóstico das relações patológicas na modernidade. Ao fazer isso, ele retoma a dialética da alienação para examinar o outro lado da relação dos seres humanos com o mundo, ao mesmo tempo que procura escapar de uma concepção essencialista, delimitando esse outro lado do fenômeno da alienação e reintroduzindo-o no debate normativo da sociologia.

Tendo isso em vista, procuramos entender como a teoria crítica de Rosa enfrenta os desafios de restabelecer seus conceitos clássicos em diálogo com filosofias que se dedicam ao estudo das dimensões éticas na modernidade. Neste artigo, em particular, buscamos analisar como a discussão ética sobre a concepção do *self* moderno em Charles Taylor influencia a reconstrução do conceito da alienação na obra de Rosa.

A hermenêutica de Taylor contribui para a crítica da modernidade ao interpretar quais são os critérios éticos utilizados nas sociedades para determinar aquilo que é uma boa vida. A ideia é a de que esses critérios — autonomia, liberdade e autenticidade — são frustrados não apenas em função da ausência das condições necessárias para alcançá-los, mas também por conta da existência de uma ética moderna operante, que é pautada no individualismo da autorrealização. Nesse sentido, mostramos como Rosa elabora seu "melhor relato" sobre como essa ética, aliada aos processos de aceleração, aliena os indivíduos do bem viver.

Para explicitar como o resgate do conceito de alienação em Rosa leva em consideração as "estratégias hermenêuticas" que estão presentes na obra de Taylor, dividimos este artigo em três seções. A primeira trata de introduzir o diagnóstico de Charles Taylor sobre o mal-estar da sociedade moderna, de acordo com o qual o *self* moderno perde de vista seu horizonte ético compartilhado ao adotar a concepção de individualismo da autorrealização. A segunda seção explora a noção de alienação em Rosa, investigando os caminhos para a reconstrução do conceito e sua sustentação por meio de uma análise estrutural da aceleração, além de uma base normativa que busca lidar com as dificuldades desse diagnóstico. Por fim, a última parte destaca a influência de Taylor sobre Rosa, evidenciando como os conceitos de dupla hermenêutica e melhor relato estão presentes na reconstrução no diagnóstico da alienação, e discute as implicações problemáticas de uma concepção de bem viver baseada em um individualismo da autorrealização que desconsidera a dimensão formativa, relacional e comum do *self*.

1. A promessa quebrada da modernidade: a crítica à ética da autenticidade de Charles Taylor

O mal-estar da sociedade moderna, tal como apresentado por Charles Taylor (2011), seria provocado por uma mudança de consciência dos sujeitos, que possui impactos diretos em suas formas de vida. O processo de desencantamento do mundo, decorrente da transformação das instituições sociais pré-modernas e de sua substituição por uma nova forma da sociedade, gerou um processo de individuação, ampliando a percepção de que a autonomia dos indivíduos corresponderia ao direito de particularização e à liberdade de construir seus próprios valores. Essa consciência moderna trouxe para a sociedade ocidental uma interpretação das identidades no mundo, que não se dirigia mais a uma percepção do "eu" fortemente vinculada ao coletivo.

A transformação no modo como o ser humano se percebe – agora como indivíduo – se consolidou à medida em que a noção de direito universal (à garantia ao respeito pela vida, à liberdade e à propriedade) passou a fundamentar a ideia de autonomia dos seres humanos (Taylor 2005a). A ideia de que somos capazes de realizar julgamentos por conta própria a partir de cálculos racionais, de que temos condições de fazer nossas próprias escolhas e de tomar nossas próprias decisões, explicita o surgimento de uma nova forma de vida e de novas condições para a condução de nossas concepções éticas. Os efeitos gerados por essa percepção do indivíduo sobre a sua configuração é o problema que Taylor procura entender por meio da mudança de consciência no mundo moderno (Souza 2001).

Os processos de individuação na modernidade, que passaram a compreender o homem como capaz de dar origem aos seus próprios valores e juízos, fizeram com que os sujeitos se percebessem como indivíduos racionais e autônomos. Isto é, sujeitos capazes de refletir sobre questões éticas e morais sem depender das bases sustentadas pela comunidade. Aqui, o bem não estaria mais concentrado exclusivamente dentro das influências e da coerção externa do coletivo, como ocorria na pré-civilização ocidental, em que a orientação dos sujeitos era mediada pela instituição religiosa (Taylor 2005a). No mundo moderno, a recepção desse processo passaria pelo filtro racional do próprio indivíduo. A moral, a definição daquilo que é o correto, estaria sujeita ao julgamento particularizado, um julgamento que o próprio sujeito, como um ente racional e autônomo, pode fazer por si mesmo sobre os valores, tendo em vista a garantia máxima do respeito à sua vida e à vida dos outros indivíduos (Taylor 2005b).

Feito o diagnóstico ético por meio dessa interpretação hermenêutica, um dos principais problemas dessa forma de vida particularizada é que ela favorece o distanciamento ou mesmo a perda de um horizonte ético compartilhado. Essa perda de valores comuns entra em conflito com o fato de que as estruturas éticas e o reconhecimento dos sujeitos nas instituições são fundamentais para a constituição das identidades e do *self* (Taylor 2005a).

O *Self* é o que poderíamos chamar de eu, e o mesmo depende de uma identidade articulada com o mundo. Isso significa que ele existe porque faz parte de um mundo no qual uma linguagem comum é compartilhada (Taylor 2005a). Sua constituição depende de configurações éticas que fundamentam e

justificam a sua forma de vida, elas definem o sentido das coisas e estabelecem o que é bom ou ruim. Por configurações éticas,[1] chamamos aquilo que é importante para estabelecer e coordenar o entendimento entre as formas de vida dos indivíduos e das suas instituições. Portanto, o *self* só pode existir por intermédio de outras referências no mundo que auxiliam na sua constituição. A partir dessa avaliação, podemos entender que as formas de vida constituídas na modernidade, que zelam pela liberdade e capacidade de autodefinição dos próprios valores, representam um tipo de orientação ética (Taylor 2005a).

No entanto, essa orientação ética adotada pelos *selves* modernos traz problemas e contradições. Um "eu" que fundamenta sua capacidade de decisão única e exclusivamente em suas próprias faculdades racionais tende a entrar em conflito com a ideia de que sua identidade também é constituída por um conjunto de elementos externos. Sem a referência e o reconhecimento de um outro, não é possível que um sujeito forme plenamente sua identidade (Taylor 2005b). O reconhecimento mútuo, portanto, é a forma de relação intersubjetivamente fundamental em que o eu tem consciência sobre ele mesmo.[2]

Essa crítica de Taylor à figura do *indivíduo* como expressão de vida das pessoas decorre de sua visão hegeliana, que confronta o naturalismo – especialmente a ideia de que é possível tomar

1 Nas palavras de Taylor: "As configurações proporcionam o fundamento explícito ou implícito de nossos juízos, intuições ou reações morais em qualquer das três dimensões [da avaliação moral]. Articular uma configuração é explicar o que dá sentido às nossas respostas morais" (Taylor 2005: 42).

2 Na teoria de Taylor, influenciada pela filosofia hegeliana, o reconhecimento mútuo é um fator imprescindível para formação das identidades junto da dimensão ética existente (Taylor 2005).

decisões neutras diante de questões morais e se eximir de um pano de fundo que mobiliza nosso pensar e agir. Dessa perspectiva, não é possível ignorar a relação entre sujeito e comunidade. O *self* se orienta por determinados tipos de configurações, ou seja, pelo pano de fundo que sustenta nossa visão moral. O indivíduo, por si só, não consegue ser o criador da régua que utiliza para tomar suas decisões, porque, nas palavras de Taylor (2005a: 43): "é praticamente impossível à pessoa humana prescindir das configurações".

O indivíduo, como um conceito sociológico, pode ser avaliado nessa dimensão das configurações éticas; dimensão que precede a ideia de uma autonomia radical das opiniões, uma vez que a formação e descoberta do *self* se dá por referência ao outro, pelas relações de reconhecimento. Durkheim (1999) já tratava o indivíduo como um conceito ao analisar a sua ascensão na sociedade moderna. Sua teoria demonstrou que esse conceito emerge da configuração de uma forma de vida situada em um processo de individuação, constituído por relações de solidariedade orgânica, caracterizadas por uma divisão social do trabalho voltada para assegurar a autonomia do indivíduo. O pano de fundo ético da modernidade é sustentado pela individuação. Portanto, não é possível sair de um horizonte ético, mas, em contrapartida, é possível perdê-lo de vista, o que pode contribuir para as situações de alienação.

Em *A Ética da Autenticidade* (2011), Taylor chama atenção para como a procura e a afirmação da autenticidade do self são configurações que guiam as formas de vida dos indivíduos modernos. Procurar ser autêntico, nessa lógica, é reafirmar que

penso e dou minha opinião pelas minhas próprias concepções de acordo com a capacidade que eu tenho de decidir sobre o que julgo ser moralmente bom ou ruim, de forma que a externalidade não possa ser capaz de me influenciar, e até mesmo para que eu possa ser neutro em relação ao mundo e às opiniões alheias. Taylor, ao reavaliar o conceito de autenticidade, analisa como o reconhecimento mútuo é um pressuposto para uma autenticidade que não acabe alienada de si mesma. Nesse debate, ele resgata a preocupação de combinar a individualidade com a comunidade, colocando o reconhecimento intersubjetivo como fundamental para a formação das identidades (Taylor 2005a).

Nesse ensaio, Taylor (2011: 23) continua sustentando a impossibilidade de desarticulação entre sujeito e mundo. Dessa forma, a ética da autenticidade busca ampliar os horizontes, particularizando cada vez mais as noções de moral, da própria ética e dos juízos de valor. Isso significa, então, que o individualismo moderno tem uma concepção de sociedade e de coletividade. Esse individualismo não se configura como puramente egoísta. Tanto que, se observarmos as instituições, como o direito, a religião e a política, veremos que elas operam conforme a sociedade consiga sustentar essa mesma concepção de individualidade dos sujeitos.

Porém, essa percepção coletiva, de que a identidade do indivíduo é desvinculada das dimensões coletivas, é o que, por um lado, sustenta os fenômenos de alienação. As promessas fraternas da modernidade acabam se tornando vazias, já que o alcance desses elementos é sustentado por uma busca por autenticidade, autonomia e autorrealização desarticuladas do mundo e

centralizadas no campo da subjetividade (Taylor 2011). A exigência da autenticidade, quando assume uma forma patológica, não permite que o sujeito tenha uma relação dialógica de reconhecimento, o que sustenta a prevalência de um tipo de razão instrumental que, juntamente ao problema da perda do horizonte moral, constitui um dos efeitos do mal-estar contemporâneo. A razão instrumental pressupõe que as relações sociais e o agir social do indivíduo precisam ser medidos pela sua eficácia e pela relação de custo e benefício que seu resultado terá para o indivíduo (Taylor 2011).

Taylor sugere que as configurações éticas da modernidade podem ser observadas no processo de individuação, em conjunto com as concepções de vida de uma sociedade ocidental autoconsciente de sua capacidade individual de escolha. Com o desencantamento do mundo, muda-se a concepção dos sujeitos: a religião, que antes tinha centralidade na organização social como pano de fundo ético e moral, tem seu lugar tomado pela ideia de indivíduo e de sua autonomia frente à sociedade.

Vejamos: a neutralidade exigida das instituições e dos sujeitos em relação às suas atividades, seus trabalhos e aos aspectos que impactam diretamente a individualidade do outro é parte de uma configuração ética geral da modernidade. Essa noção sobre a capacidade racional e particular que o indivíduo tem para tomar suas próprias decisões e ser neutro perante os valores alheios abre espaço para que ele aja conforme essa razão instrumental.

O problema é que, ao mesmo tempo em que essa razão instrumental amplia a possibilidade de horizontes imaginados,

como projetos e ideais, ela também leva o sujeito a dominar a própria vida, no sentido de uma centralização do indivíduo em seus interesses e em sua autonomia. Algo que traz problemas de desigualdade e nos distancia de soluções conjuntas para enfrentá-los. Por exemplo, a ideia do progresso técnico e tecnológico, bem como a suposta neutralidade em relação à natureza, reforçam a lógica do desmatamento e dos problemas ambientais (Taylor 2011: cap. 9).

Taylor (2011) chama a atenção para como essa instrumentalização racional, técnica e neutra é uma formalidade ética, e não um atributo isolado das formações sociais. Uma configuração ética só existe a partir de uma mediação com o mundo (Taylor, 2005b). Por isso, a autenticidade faz parte de uma ética e de um imaginário comum, em que a capacidade do indivíduo, por meio de suas experiências, tem a possibilidade de tornar-se cada vez mais autônoma frente à comunidade.

A perda do horizonte moral compartilhado é outro mal-estar contemporâneo decorrente da instrumentalização das relações e da privatização do que é o bem. Não à toa, não é incomum que debates contemporâneos terminem com a frase "é a minha opinião, você tem a sua", o que faz com que o assunto em discussão seja deixado de lado sob o argumento de que devemos respeitar a subjetividade do outro. Esse tipo de comportamento tem um princípio ético subjacente: o de que essa subjetividade possui um significado comum, o que faz com que nossa forma de agir também seja guiada pelo pressuposto de que os valores e juízos são particulares. Para Taylor, contudo, os horizontes comuns são inescapáveis, mesmo em uma conduta que prioriza o

comportamento de um *self* desconectado do coletivo (Taylor 2011: 41-51).

O problema dessa ética da autenticidade é, então, o de que ela proporciona configurações que geram um distanciamento da perspectiva de que tais elementos já estão presentes em nosso vocabulário subjetivo, reafirmando que o indivíduo é anterior a elas. Outro problema é o pressuposto de que os indivíduos podem justificar, como que de fora, a disponibilidade de configurações éticas; algo que também gera um esvaziamento de sentido. Isso não apenas pode ser observado em uma relativização que pode ser destrutiva, mas também pode afetar a própria liberdade e autonomia (Taylor 2011).

Nesse sentido, o principal argumento é que tal ética acaba gerando efeitos alienantes para os indivíduos. Os meios e as maneiras pelos quais essa ética conduz a busca pela autonomia, como no contexto de neutralidade e na particularização dos juízos, desconsideram um processo de reconhecimento dos sujeitos em relação ao mundo que formula esses panoramas. Isso acarreta a perda de liberdade, uma vez que a autonomia depende de relações de reconhecimento, as quais, por sua vez, são negadas pelas próprias concepções que priorizam o individualismo em detrimento do coletivo, mas que buscam ampliar a autonomia.

O paradoxo da perda da liberdade é uma consequência gerada, assim, por dois dos mal-estares modernos: a razão instrumental e a perda de um horizonte comum. A concepção moderna de liberdade é desenvolvida a partir da reivindicação de autenticidade e autonomia que os sujeitos fazem, no sentido de que suas concepções de mundo e seus valores são determinados

por eles mesmos. Os desejos e vontades também são articulados de acordo com essa demanda, a qual é pensada sob o princípio de fidelidade a si mesmo, perpetuando um *individualismo da autorrealização* (Taylor 2011), que centraliza a vida cada vez mais nas particularidades do *self*.

Essa concepção de liberdade perde-se em sua própria busca, pois nega a necessidade inevitável de reconhecimento intersubjetivo para a constituição dos *selves*, "encorajando um entendimento puramente pessoal da autorrealização, tornando, assim, as diversas associações e comunidades nas quais a pessoa adentra puramente instrumentais em seu significado" (Taylor 2011: 51). Não existe a possibilidade de um *self* ser anterior ao mundo; portanto, não é possível desconectar nossos valores de um panorama ético, substituindo-os por um elemento racional particularizado. A questão tratada aqui não é a de uma negação da modernidade e da autonomia, mas da forma como a construção do seu ideal do individualismo da autorrealização acarreta problemas maiores ao sustentarem o distanciamento dos processos de reconhecimento os quais constituem as identidades e o mundo.

A busca por liberdade, de acordo com o individualismo da autorrealização, acarreta, consequentemente, problemas para o entendimento do significado das comunidades, as quais passam a ser interpretadas apenas como meios para atingir interesses particulares, e não como espaços de formação das próprias identidades. Em poucas palavras, a alienação da autenticidade consiste especialmente no distanciamento entre identidade e comunidade. Distanciamento que a própria ética moderna

promove, levando ao problema da perda de liberdade e do reconhecimento.

Vejamos: a forma como a política de reconhecimento da modernidade vem sendo aplicada visa assegurar o direito à igualdade. Contudo, devido à relativização suave – causada por todas as configurações discutidas anteriormente – de que cada um pode estabelecer seus próprios valores, o próprio conteúdo do que significa igualdade acaba por esvaziar-se. Isso ocorre porque não é pressuposto um significado amplo de igualdade, que é defendida apenas nos termos de uma garantia igualitária de diferenciação entre os sujeitos. Um reconhecimento da diferenciação pela diferenciação, porém, acaba orientando uma política de reconhecimento instrumentalizada, distanciando os sujeitos do horizonte de valores compartilhados que são necessários para que a própria diferenciação exista (Taylor 2011: 51-63).

O problema dessa política de reconhecimento é que ela exige o reconhecimento apenas para os fins de uma diferenciação da diferença (Taylor 2011: 59). Na tradição hegeliana, o reconhecimento envolve uma articulação mútua entre o eu e o outro, incluindo a concepção de que a identidade está correlacionada com as instituições sociais – uma abordagem distinta do tipo de reconhecimento estabelecido no modelo de sociedade de filósofos como John Locke. Assim, como Taylor coloca:

> Unir-se em um reconhecimento mútuo de diferenças - isto é, do igual valor de identidades diferentes - exige que compartilhemos mais do que a crença neste princípio; temos que compartilhar também alguns padrões de valor que as identidades referidas conferem como iguais. Deve

> haver algum acordo substancial sobre valor, ou então o princípio formal de igualdade será vazio e uma fraude. Podemos expressar apoio ao reconhecimento igualitário, mas não compartilharemos uma compreensão de igualdade a menos que compartilharemos algo mais. Reconhecer diferenças, como auto selecionadas, requer um horizonte de significado - neste caso, um que seja compartilhado (Taylor 2011: 59-60).

A partir das considerações sobre a alienação na modernidade, Taylor aborda os problemas modernos como questões éticas, relacionadas ao distanciamento das relações de reconhecimento que constituem a eticidade – o espaço social onde as identidades são construídas e no qual o fortalecimento da liberdade e das autonomias se realiza (Taylor 2005a). A estrutura crítica derivada da alienação das relações de reconhecimento, ou seja, da compreensão do reconhecimento como uma forma de relação com o mundo, traz à tona de que modo essas relações foram deixadas em segundo plano e como a promessa da modernidade foi quebrada.

2. Uma ausência da relação com o mundo: um retorno ao coração da sociologia

A modernidade traz condições para um novo tempo histórico, no qual o presente é regulado em função de um futuro que exige uma autocompreensão histórica (Habermas 1998; Taylor 2005a). Os problemas enfrentados por essa condição autorreguladora da modernidade são elevados à questão do sujeito

e de sua identidade desarticulada. Isso porque, no sentido moderno: "[a] subjetividade é incansavelmente inspirada a criar novas formas" (Taylor 2005b: 25). Nesse sentido, a alienação é provocada pela cisão entre sujeito e objeto nesse processo de autonomização do social. Assim, estabelece-se o problema romântico: como assegurar essa autonomização sem recair nas próprias armadilhas da separação que ela provoca no meio em que se manifesta e do qual faz parte?

Essa pergunta nos direciona para a crítica que se origina nas "antiluzes esclarecidas" da tradição da filosofia e da sociologia alemã, de Hegel a Marx, até as gerações mais contemporâneas da escola de Frankfurt. Essa tradição continua com uma ideia de autonomização e modernização ao mesmo tempo em que procura entender o mal-estar que a própria modernidade provoca (Vandenberghe 2012). Essa crítica traz a reflexão de que na modernidade lidamos com o problema de que "os produtos humanos se objetivam; se desumanizam e terminam por se voltar contra seus criadores" (Vandenberghe 2012: 44). Ou seja, na modernidade encaramos de frente o problema da alienação das relações e das próprias identidades, no sentido de que houve um processo de objetificação e instrumentalização das interações dos seres humanos na divisão do trabalho no modo de produção capitalista (Marx 2010). Por isso, a alienação é um conceito que se encontra no coração da sociologia (Vandenberghe 2012). A crítica das dimensões temporais de Hartmut Rosa pretende resgatar essa perspectiva do conceito de alienação, ao lado de uma crítica ética das relações dos seres humanos com o mundo.

Aproximando-se de Taylor, Rosa procura demonstrar como a promessa de subjetividade, individualidade e liberdade se tornou uma configuração ética para a vida na modernidade (Rosa 2022). A autonomia e a autenticidade são "os pilares da concepção moderna de uma vida de sucesso" (Rosa 2015: 88, trad. da autora). No entanto, a aceleração está altamente correlacionada a essas concepções de bem-viver, uma vez que o alcance, a acessibilidade e a disponibilidade de recursos materiais, bens culturais e intelectuais seriam as formas de concretizar e garantir essa autonomia do indivíduo (Rosa 2022). Como afirma ele:

> Por que 'ter mais e se mover mais rápido' é atraente para a maioria dos sujeitos modernos? É porque, quero argumentar, a lógica escalar da estabilização dinâmica está ligada à promessa de aumentar nosso escopo e alcance individual e coletivo, o que desencadeia o que quero chamar de 'Abordagem Triplo A' para a boa vida: a forma moderna de agir e estar no mundo está voltada para a tentativa de tornar cada vez mais suas qualidades e quantidades disponíveis, acessíveis e alcançáveis (Rosa 2021a: 8).

Esse alcance, acesso e disponibilidade de recursos é o que Rosa chama de *Triple A* para a boa vida (Rosa 2021b: 8).[3] Quanto mais eu produzo e quanto mais estou ciente de que minha vida depende dos meus esforços, com base na incrementação da minha pessoa, mais autônomo eu sou. Essa lógica opera de uma "forma vazia", em que a impressão é a de que o indivíduo se encontra isolado, como na concepção do individualismo da autorrealização. Enquanto essa lógica prevalece, as estruturas temporais da modernidade tardia e o processo de aceleração se intensificam em

3 O disponível, o acessível e o alcançável (*available*, *accessible*, *attainable*).

conjunto com essas percepções do indivíduo no mundo, colonizando a própria autonomia e subjetividade. Dessa forma, o indivíduo é incapaz de se reconhecer nos processos de produção do trabalho, em suas relações íntimas ou em sua interação com os objetos, como já apontava a teoria do trabalho alienado em Marx (2010 [1932]).

Esse fenômeno da aceleração cotidiana é consequência de uma modernidade tardia caracterizada por sua estabilização dinâmica, ou superacelerada (Rosa 2019; 2015; 2022). Seu objetivo é o incremento contínuo por meio da inovação, do crescimento e da aceleração, operando como uma roda de rato ou uma bicicleta ergométrica que, apesar de gerar movimento, não sai do lugar. A alienação está diretamente relacionada a essa crítica, formulada a partir do diagnóstico das estruturas temporais da modernidade tardia e de seu processo de aceleração. Rosa classifica a alienação, inicialmente, da seguinte maneira:

> um estado no qual os sujeitos perseguem fins ou seguem práticas que, por um lado, não lhes são impostas por atores ou fatores externos, mas que, por outro lado, também não são desejadas ou sustentadas "realmente" por esses sujeitos. Assim, nós nos sentimos alienados quando trabalhamos o dia inteiro até meia-noite sem que ninguém nos imponha a fazer isso. (Rosa 2022: 120-121).

Ele procura dar sequência à concepção básica de alienação, segundo a qual há uma relação de distanciamento ou estranhamento entre o mundo e as pessoas. Esse fenômeno ocorre porque a aceleração da modernidade tardia favorece o afastamento entre o sujeito e o mundo, impedindo a apropriação da relação humana com o espaço, com as coisas, com as ações,

com o tempo, consigo mesmo e com os outros (Rosa 2022: 122). Assim, a alienação pode ser compreendida, conforme concebida também por Rahel Jaeggi (2019), como uma relação deficiente com o mundo, uma relação de falta relacional.

De acordo com Rosa, quase imobilizado desde a década de 1970 (Rosa 2019), o conceito de alienação se viu com dois problemas de imprecisão. Primeiro, durante o século XX, a alienação era conceitualizada como fator relativo a qualquer mal-estar nas relações sociais (Rosa 2019: 228). Segundo – muito em função do primeiro problema – sua estrutura conceitual crítica parece demandar a precisão de um contra conceito que demonstrasse o que seriam relações não alienadas, e as respostas para delimitar esse outro lado, geralmente baseadas em uma concepção essencialista da natureza humana, já não podem ser mais sustentadas e suportadas pela teoria social (Rosa 2019: 228-229).

Compreendendo a alienação como um conceito negativo — um contraconceito de uma relação não alienada —, sua validação implica diversos desafios. Rosa assume esse desafio ao demonstrar que a alienação continua sendo um conceito fundamental para entender as relações modernas e a crise de nossa conexão com o mundo. Ele faz isso, primeiramente, ao endossar a definição de alienação como uma forma muda de se relacionar com o mundo, conforme proposta por Jaeggi (Rosa 2019: 234).

> A alienação, conforme evidenciado pelos exemplos de [Rahel] Jaeggi, é um estado no qual a pessoa tem relacionamentos – por exemplo, uma família, um emprego, uma filiação partidária, um hobby ou uma

> afiliação religiosa –, mas eles se tornaram indiferentes e sem sentido, mesmo que a pessoa seja muito bem-sucedida neles em termos de acumulação de recursos: eles não nos dizem mais nada, eles nos parecem mudos e/ou ameaçadores. Em um caso extremo, pode haver um "relacionamento não relacionado" com o próprio corpo e os próprios sentimentos (Rosa 2019: 234).

Um exemplo de fenômeno radical da alienação é a depressão. Esse transtorno psicológico tem sido associado, em diversas pesquisas, à ideia de uma ausência de relação com o mundo (Rosa 2019: 234). A conexão entre a depressão e a alienação radical reside na perda de contato do indivíduo com o ambiente ao seu redor. Em estado depressivo, sua capacidade de resposta ao mundo encontra-se reduzida. Trata-se de uma relação que foi petrificada, ela não pode ser fluída, como na diferenciação entre tristeza e depressão, onde a tristeza pode gerar algum tipo de experiência de ressonância, uma relação de apropriação do mundo. Por exemplo, os dramas cinematográficos nos comovem e podem nos causar uma experiência de vibração, porque podem oferecer uma assimilação transformadora.

Como vimos, o ideal de boa vida associado ao *Triple A*, que sustenta a estabilização super acelerada das sociedades da modernidade tardia, gera fenômenos de alienação devido à lógica da aceleração. Esse processo estimula um movimento contínuo de alcance, disponibilidade e acessibilidade dos recursos, intensificando a competitividade e levando a um desgaste constante na tentativa de acompanhar a multiplicidade infinita de possibilidades para alcançar uma boa vida. Diversas pesquisas apontam para uma correlação entre esse processo e o aumento da

depressão que, nesse contexto, pode ser compreendida como um efeito radical da alienação (Rosa 2019). Essa relação sugere que a busca incessante pela ampliação dos recursos compromete a capacidade de adaptação dos indivíduos. Como os recursos são continuamente inovados e incrementados, a pressão para acompanhá-los gera esgotamento. Como consequência, o mundo se torna mudo — ele deixa de nos responder (Rosa, 2015).

> O termo [alienação] denota a ausência de relacionamentos constitutivos e "responsivos", de convicções auto-eficazes e de controle, bem como de vínculos positivos com o mundo subjetivo, objetivo ou social para orientar as ações. De fato, embora eu não possa fornecer evidências detalhadas, gostaria de apresentar a tese de que o regime de aceleração da modernidade tardia impede que esses "processos de adaptação" ocorram. Afinal de contas, são esses processos que nos permitem nos aclimatar rapidamente às coisas que nos cercam, às pessoas com quem interagimos, aos desejos e crenças que desenvolvemos e às experiências que vivemos – de modo que, em última análise, a experiência do mundo (incluindo o mundo subjetivo) "se torna estranha" se transforma em um fenômeno inevitável da modernidade tardia: a abordagem ou a relação dos sujeitos da modernidade tardia com o mundo se torna profundamente perturbada (Rosa, 2015: 108-109).[4]

4 "The term [alienation] denotes the absence of constitutive, 'responsive' relationships, of self-efficacious and controlling convictions, as well as of positive ties to the subjective, objective, or social world to orient one's actions. Indeed, though I am unable to provide detailed evidence, I would like to put forward the thesis that the late modern regime of acceleration prevents these 'processes of adaptation' from taking place. It is, after all, these processes which allow us to rapidly acclimate to the things that surround us, the people with whom we interact, the desires and beliefs we develop, and the experiences we live through in the first place – so that, ultimately, the experience of the world (including the subjective world) 'becoming alien' turns into an inevitable phenomenon of late modernity: late modern subjects' approach or relation to the world becomes profoundly disturbed" (Rosa 2015: 108-109).

Esses processos, portanto, tendem a nos afastar dos sentimentos e sensações de autoeficácia e das relações de responsividade mediados por uma relação de conexão com o mundo (Rosa 2019; 2015). Essa relação responsiva com o mundo é caracterizada pela forma que os seres humanos se relacionam com ele, a ressonância (*Resonanz*). Ela é uma relação vibrante, construída por meio da constituição de interações responsivas com outros seres humanos e com o mundo, gerando afeto e emoção mútua (Rosa 2019). É um fenômeno de correlação múltipla, ocasionando uma sensação de autoeficácia e transformação, de caráter imprevisível.

No entanto, a relação entre ressonância e alienação não deve ser entendida como uma oposição absoluta, mas sim como uma correspondência dialética. Isso significa que a ressonância só pode ser alcançada na medida em que há momentos de estranhamento com o mundo, os quais precisam ser superados. Essa premissa é importante para evitar que o conceito seja tratado de forma totalizante, o que poderia abrir margem para interpretações totalitárias da realidade ou tornar o conceito de alienação um critério impreciso para diagnosticar a boa vida. Portanto, a revitalização do conceito de alienação deve ser acompanhada do desafio de constituir seu contraponto teórico, que, na proposta de Rosa, é a ressonância (*Resonanz*).

O diagnóstico da aceleração aponta que a modernidade está passando por uma crise das relações de ressonância, que faz com que os momentos do estranhamento se intensifiquem e não sejam superados (Rosa, 2019). Esse movimento dialético seria até mesmo sufocado pela estabilização dinâmica, que perdendo de vista um

horizonte comum partilhado e fazem do individualismo da autorrealização o parâmetro da conquista da autonomia e autenticidade.

3. Reintroduzindo o conceito de alienação na teoria social: para escapar de uma concepção essencialista da normatividade antropológica do ser humano

Na concepção aqui defendida, um dos fatores fundamentais para a reconstrução do conceito de alienação na teoria crítica de Hartmut Rosa foi a compreensão de sua dimensão ética a partir da obra de Charles Taylor. Tanto a crítica às condições éticas da modernidade quanto a reconstrução de seu contraponto, a ressonância, estão relacionadas à teoria de Taylor. Ambas foram desenvolvidas dentro de um panorama filosófico hermenêutico, centrado na constituição do *self* e em sua relação com o mundo (Vandenberghe 2023).

A interpretação analítica do mundo adotada no diagnóstico da crise da aceleração fundamenta-se em uma dupla hermenêutica presente na filosofia de Charles Taylor, como já apontado por Vandenberghe (2023). Essa abordagem consiste na compreensão dos repertórios comuns de autodescrição e autoavaliação, bem como dos mapas morais disponíveis para a orientação da vida dos sujeitos (Vandenberghe 2023). Hartmut Rosa, em suas obras, emprega esse dispositivo analítico para elaborar seu "melhor relato" (*best account*) sobre o diagnóstico do tempo, o qual se baseia na interpretação hermenêutica do que é significativo para a

vida das pessoas, especialmente nas sociedades modernas (Rosa 2023). Nesse contexto, autenticidade e autonomia são concebidas como os "pilares e bens externos da modernidade".

Ao investigar o panorama ético das autodescrições e autoavaliações imanentes dos sujeitos no mundo, o sociólogo contribui para traduzir e analisar as queixas da sociedade, identificando o "pano de fundo" das frustrações em alcançar o bem viver. Ao reconhecer o que é significativo para as pessoas e como elas se orientam na busca por bens comuns compartilhados, torna-se possível elaborar uma crítica que evidencia, na própria dimensão ética da sociedade, os fatores que a alienam e, consequentemente, as razões pelas quais o ideal de boa vida é frustrado.

No caso do *Triple A*, ele representa o diagnóstico do que a sociedade considera como "boa vida". Ao incorporar as reflexões de Charles Taylor sobre a busca por autenticidade, essa crítica evidencia a frustração em não alcançar esse ideal. Isso ocorre porque, na modernidade, a busca pela autenticidade frequentemente leva à perda de referência em relação a um horizonte ético comum compartilhado.

Nesse sentido, a crítica de Rosa se volta para uma dimensão ética, demonstrando como o ideal de boa vida se torna constantemente frustrado pelos próprios meios de sua busca dentro da aceleração. Por isso, "desacelerar" não deve ser entendido como um conceito oposto à alienação que é provocada pela aceleração. Pelo contrário, a desaceleração significa uma pausa necessária para viabilizar a continuidade das exigências impostas por esse regime das dimensões temporais.

A questão sobre o que constitui uma relação não alienada, central no conceito de ressonância, segue alguns dos mesmos pressupostos dessa lógica ao buscar, na hermenêutica social, uma concepção antropológica do ser humano como relacional. No entanto, para superar os desafios dessa concepção — particularmente no que diz respeito à sua dificuldade em considerar as inúmeras contingências e particularidades das sociedades — o debate sobre a antropologia humana pode ser reformulado para a seguinte indagação: "Quais são as condições possíveis para que o ser humano seja um agente e uma pessoa?" (Vandenberghe 2023; Chernilo 2017).

Essa pergunta, por sua vez, não se distancia do questionamento central mobilizado por Hartmut Rosa, que busca compreender "qual é a nossa forma de nos relacionarmos com o mundo?". Isso porque o mesmo parte do pressuposto de que a relação entre sujeito, a comunidade e o mundo, é imprescindível para a constituição do *self*. Dessa forma, a resposta de Hartmut Rosa a essa questão encontra-se no outro lado da alienação, onde ele busca fornecer a melhor descrição desse fenômeno. Assim, a ressonância torna-se sociologicamente observável e passível de uma compreensão contingente. Em primeiro lugar, sugiro que, a observação da busca por ressonância — e não do fenômeno em si — pode ser identificada nos momentos em que os indivíduos procuram dar significado às suas vidas e existências por meio de diferentes esferas de ressonância, como a religião, a arte e a natureza. Nesse sentido, tanto um culto religioso quanto um show de rock podem fornecer relatos de experiências particulares em que os sujeitos buscam vivenciar uma relação vibrante com o

mundo. Em segundo lugar, a contingência do fenômeno reside no fato de que a ressonância não está vinculada a um conteúdo específico, pois pretende ser "o mais culturalmente aberta possível" (Rosa 2019).

Considerações finais

Ao longo deste artigo, procuramos explicitar como Charles Taylor contribuiu para a revitalização do conceito de alienação em Hartmut Rosa, que buscou articular elementos da filosofia hermenêutica para estabelecer um critério para a avaliação das relações no mundo dentro da teoria crítica. Algo que ele realiza por meio da construção de uma nova abordagem que visa garantir a credibilidade do conceito de alienação como ferramenta de diagnóstico das relações sociais, bem como de sua contraparte, a ressonância. A contribuição da "dupla hermenêutica" para a interpretação desses dois conceitos — baseada na forma como os próprios seres humanos se compreendem e interpretam o mundo — busca um caminho não essencialista para responder à questão sobre o que significa ser humano.

Como vimos, uma das acepções que o conceito de alienação possui para Rosa tem a ver com as configurações éticas da autonomia, da liberdade e da autenticidade; valores que se tornam reféns de uma lógica do individualismo da autorrealização, trabalhado em Taylor. A alienação, portanto, é uma condição "muda", a relação da falta relacional. Afinal, os indivíduos acabam se distanciando de processos de reconhecimento, ou ressonância,

onde seus valores são formados e se tornam um horizonte comum partilhado. Se perde de vista uma consciência de "si" que se forma no contexto de sua relação com o outro, em detrimento de uma concepção atomista do indivíduo.

Por fim, limitamo-nos a considerar os principais pontos em que essa hermenêutica contribuiu para repensar o conceito de alienação e sua normatividade. Primeiramente, buscamos enfatizar como, por meio de uma discussão ética sobre a questão "o que é o bem viver?", é possível esclarecer as diferenças e aproximações nas condições encontradas na normatividade do social. O ideal *Triple A* da boa vida é o resultado dessa reflexão, que consegue diagnosticar o problema do individualismo moderno e o modo como a busca pela autonomia e pela autenticidade acaba sendo, consequentemente, frustrada. Os recursos, os meios sobre como devemos alcançar esses dois pilares e entendê-los, buscam mascarar o fracasso de uma concepção de bem viver pautada em um individualismo da autorrealização.

Em segundo lugar, considerando a importância de estruturar o outro lado da alienação, as concepções de "dupla hermenêutica" e o "melhor relato", são estratégias que visam oferecer uma concepção fenomenológica das relações sociais a partir das próprias relações dos indivíduos. Por isso, não é o fenômeno da ressonância em si, mas as condições nas quais os atores buscam estabelecer relações ressonantes, que podem se tornar observáveis dentro dessa chave de leitura. O debate sobre "o que é a boa vida", dessa forma, pode ser expandido dentro dessa estratégia de tentar elaborar um "melhor relato" das condições sociais e da relação entre o indivíduo e o mundo, focando em uma investigação mais

contingente ao mesmo tempo que leva em conta seu diagnóstico de tempo do capitalismo. Assim, a construção normativa do conceito de ressonância para estabelecer uma avaliação e qualidades das relações nas sociedades modernas, leva em consideração essas estratégias de compreensão hermenêuticas.

Recebido em 30/04/2024

Aprovado em 15/12/2024

Referências

CHERNILO, D. *Debating Humanity: Towards a Philosophical Sociology*. New York: Cambridge University Press, 2017.

JAEGGI, R. "Alienação: Um estranho em um mundo que ele próprio fez". In: *Cartografias da Crítica: balanços, perspectivas e textos.* Org. Alberto L. C. de Farias, André Magnelli. 1 ed. RJ: Ateliê de Humanidades: Sociofilo, 2019.

HABERMAS, Jurgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Dom Quixote, Lisboa, 1998.

HONNETH, A. "Pathologies of the Social: The Past and Present of Social Philosophy". In: *Disrespect: The Normative Foundations of Critical Theory*. Polity Press, 2007.

MARX, Karl. "Trabalho estranhado e propriedade privada". In: *Manuscritos econômico-filosóficos.* São Paulo: Boitempo, 2010 [1932].

ROSA, Hartmut (a). *Estabilização Dinâmica, a Abordagem Triplo A para a Boa Vida, e o Conceito de Ressonância-Parte 1*. (Tradução por Diogo Silva Corrêa e Carlos Fabris) Blog do Labemus, 2021a. [publicado em 14 de maio de 2021]. Disponível em: https://blogdolabemus.com/2021/05/14/estabilizacao-dinamica-a-abordagem-triplo-a-para-a-boa-vida-e-o-conceito-de-ressonancia-por-hartmut-rosa-parte-1/

ROSA, Hartmut (b). *Estabilização Dinâmica, a Abordagem Triplo A para a Boa Vida, e o Conceito de Ressonância – Parte 2*. (Tradução por Diogo Silva Corrêa e Carlos Fabris) Blog do Labemus, 2021b. [Publicado em 24 de maio de 2021]. Disponível em: https://blogdolabemus.com/?p=17099.

ROSA, Hartmut. "Capitalism as a Spiral of Dynamisation: Sociology as Social Critique". In: *Sociology, capitalism, critique: Klaus Dörre, Stephan Lessenich, Hartmut Rosa*. (Translated by Jan-Peter Herrmann and Loren Balhorn). Berlin: Suhrkamp, 2015.

ROSA, Hartmut. *Resonancia: Una sociología de la relación con el mundo.* Trad: Alexis E. Gros. Buenos Aires: Katz Editores Cullen, 2019.

ROSA, Hartmut. *Aceleração e Alienação: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna.* Trad: Fábio Roberto Lucas. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

ROSA, H.; RECKWITX, A. "Best Account: Outlining a Systematic Theory of Modern Society". In: *Late Modernity in Crisis*. UK: Polity Press, 2023.

SOUZA, Jessé. "Uma teoria crítica do reconhecimento." *Lua nova*, nº 50, 2000.

TAYLOR, Charles (a). "A identidade e o bem". In: *As fontes do Self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 2005a.

TAYLOR, C. *Hegel e a sociedade moderna*. São Paulo: Loyola, 2005b.

TAYLOR, C. *A Ética da Autenticidade*. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

VANDENBERGHE, F. *Uma História Filosófica da Sociologia Alemã: Alienação e Reificação. Vol 1. Marx, Simmel, Weber e Luckács*. São Paulo: Anna Blume Contemporânea, 2012.

VANDENBERGHE, F. "Turning into Harmut Rosa's systematic romanticism.' *The Journal of Chinese Sociology,* 10, 12, 2023.